

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS - BACHARELADO

ANDRESSA BORGES GOMES

MEMÓRIA E FOTOGRAFIA:
QUANDO O OLHAR VEM ANTES DO FOTOGRAFAR

CRICIÚMA
2013

ANDRESSA BORGES GOMES

**MEMÓRIA E FOTOGRAFIA:
QUANDO O OLHAR VEM ANTES DO FOTOGRAFAR**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel, no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a. M^a. Odete Angelina Calderan

**CRICIÚMA
2013**

ANDRESSA BORGES GOMES

**MEMÓRIA E FOTOGRAFIA:
QUANDO O OLHAR VEM ANTES DE FOTOGRAFAR**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas.

Criciúma, 26 de junho de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Odete Angelina Calderan - Mestre em Artes Visuais - (UFSC) - Orientadora

Prof^a. Amalhene Baesso Reddig - Mestre em Educação - (UNESC)

Prof. Sérgio Honorato - Mestre em Design e Expressão Gráfica - (UFSC)

Dedico a Deus, familiares, amigos e mestres por
mais uma conquista.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pela dádiva da vida e por iluminar meu caminho.

Aos meus pais Vânio Antonio Gomes e Rosa Borges Gomes e a minha família, dedico todo o meu amor e gratidão, sem o incentivo e apoio de vocês, este momento talvez não se realizasse.

Ao meu namorado Maxwell Sander Flor, obrigado pelo amor, carinho, ajuda, companhia, paciência e neste momento de felicidade, quero compartilhar com você mais esta etapa.

Aos amigos da Universidade, que nossa amizade se fortaleça ainda mais e aos meus amigos pessoais que também estiveram ao meu lado.

Aos mestres que nos passaram seus conhecimentos e marcaram nossas vidas, por tudo que nos ajudaram a ser.

Agradecimentos a minha orientadora Odete Angelina Calderan, por toda sua compreensão, seu ensinamento, paciência e amizade. E a minha banca Amalhene Baesso Reddig e Sérgio Honorato, por aceitarem meu convite.

A família Dal Pont e ao seu Aquilino Benedet pela oportunidade de estarem ajudando com seus relatos.

A Universidade pela estrutura, acolhimento e pelos seus professores mestres que tanto nos ensinaram.

Enfim, a todos que de uma forma direta ou indireta estiveram comigo na elaboração desta pesquisa.

“Não me considero um fotógrafo de cenários amplos, mas sim de detalhes e sensações.”

Marcello Averbug

RESUMO

GOMES, Andressa Borges. **Memória e fotografia: quando o olhar vem antes de fotografar**. 2013, 63 páginas. Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

A presente pesquisa, intitulada “Memória e Fotografia: quando o olhar vem antes do fotografar”, é realizada na linha de Processos e Poéticas do Curso de Artes Visuais da UNESC, que trata de um objeto de memória registrado por meio da fotografia, na qual, coloco-me como experiência tanto no processo quanto na produção artística. Trago como problemática da pesquisa: como abranger a vivência e a descoberta de um objeto de memória no âmbito de uma produção artística? Assim como algumas indagações que motivaram o desenvolvimento desta pesquisa. Sendo uma pesquisa em arte, mas ao mesmo tempo na tentativa de responder as questões levantadas, foi utilizado enquanto método a investigação qualitativa, exploratória com pesquisa de campo e estudo de caso. Nas reflexões motivadas pela obra em processo, que propõe conceitos, levanta discussões, diálogos, me aproximo da memória, da fotografia, da arte contemporânea e da instalação, contando com o apoio de autores como Bachelard (1993), Bosi (2001), Cattani (2002), Cauquelin (2005), Dubois (2003), Rey (2002), Soulages (2010), Salles (2009), entre outros. A pesquisa também traz imagens e narrativas, fruto de entrevistas, buscando contribuições para fortalecer as minhas vivências, além das quais identificam opiniões e diferentes pontos de vista a respeito do problema pesquisado. Na produção artística intitulada *Devaneios de um lugar [a casa]*, propõe-se apresentar um conjunto de elementos que fazem parte do contexto pesquisado.

Palavras-chave: Memória. Fotografia. Arte contemporânea. Instalação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - A obra: Memória do Outro, 2012.....	14
Figura 2 - A casa, 2013.	15
Figura 3 – Vista da janela do meu quarto, 2013.....	17
Figura 4 – Seu Hugo com os bois.	17
Figura 5 - Tabela de marcações de bananas cortadas, 2013.	18
Figura 6 - Teto da cozinha, 2013.....	20
Figura 7 - A sopeira, 2013.....	23
Figura 8 - Foto (frente/verso) do casamento dona Candida e seu Hugo.....	23
Figura 9 - Chapéu do seu Hugo, 2013.	26
Figura 10 - A balança, 2013.	27
Figura 11 - Paisagem I, 2013.	30
Figura 12 - Paisagem II, 2013.	30
Figura 13 - A janela da casa, 2013.....	30
Figura 14 - A cadeira, 2013.	30
Figura 15 - Interior da casa, 2013.	30
Figura 16 - Pré-montagem da obra, 2013.	33
Figura 17 - A obra: <i>Devaneios de um lugar [a casa]</i> , 2013.	34
Figura 18 - Helene Sacco. Casa-movente. Turvo/SC, 2009.....	38
Figura 19 - Claudia Zimmer.Janela II, 2008..	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense

SC - Santa Catarina

SUMÁRIO

1 MINHA TRAJETÓRIA PESSOAL.....	10
2 ENCONTRANDO UM CAMINHO	13
2.1 UM OLHAR PARA O OBJETO - A BOTA	13
2.2 AVISTANDO O MEU QUINTAL... AINDA AQUELA CASA	15
2.3 CONVERSANDO COM O SEU AQUILINO E DONA ZÉLIA	19
2.3.1 A sopeira enquanto objeto afetivo.....	22
3 MEMÓRIA E FOTOGRAFIA: DEVANEIOS DE UM OLHAR SENSÍVEL.....	25
4 PRODUÇÃO ARTÍSTICA	29
5 ARTE CONTEMPORÂNEA	35
5.1 DIALOGANDO COM AS ARTISTAS.....	36
5.1.1 Helene Sacco	37
5.1.2 Claudia Zimmer	39
6 METODOLOGIA	41
7 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	43
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS.....	46
APÊNDICE(S).....	48
ANEXO(S).....	51

1 MINHA TRAJETÓRIA PESSOAL

Desde criança sempre gostei de desenhar, pintar, trabalhar com modelagem (massinha) e minha matéria preferida na escola foi Educação Artística. Ainda neste período fui descobrindo que arte englobava muito mais, um mundo de descobertas, de histórias inventadas, que contribuíram e muito para o desenvolvimento e ampliação da minha sensibilidade.

Após terminar o Ensino Médio, prestei vestibular para Arquitetura e Urbanismo aqui na UNESC, cursei apenas três semestres. Mas logo percebi que não era o que eu queria realmente, após informações sobre o curso de Artes Visuais – Bacharelado, me interessei e logo ingressei no segundo semestre de 2009.

No percurso, percebi novas possibilidades pelas diferentes linguagens artísticas oferecidas e com isso, fui me tornando uma pessoa mais interessada pela área de arte. No andamento do curso me envolvi mais com a linguagem da fotografia, na busca de detalhes e gestos mais simples, na valorização das cores, das sombras, nuances, que muitas vezes passam despercebidos. Esta linguagem foi me encantando pelo fato de um dia sermos fotógrafos e em outros sermos fotografados, porém, a minha primeira opção foi sempre o de registrar. Pode ser a minha história, ou de outra pessoa, de lugares, memórias, emoções, hábitos, objetos, ou o cotidiano. E neste percurso fui descobrindo um jeito pessoal de contar histórias e comecei a perceber tudo que estava em minha volta e o quão é rico de memória o lugar onde moro.

Assim, percebendo meu cotidiano passei a fotografar pessoas próximas como minha mãe, realizando atividades diárias. Em outros momentos, fiz um ensaio fotográfico registrando fragmentos da passagem do tempo: em madeiras, ferros e terras; ainda fotografei lugares que passavam despercebidos dentro do campus da Universidade.

Sendo assim, acumulando experiências com a fotografia surgiu à vontade desenvolver minha proposta de pesquisa na linha de processos e poéticas, intitulada: *Memória e Fotografia: quando o olhar vem antes do fotografar*. Trago como objetivo principal colocar-me como experiência na produção artística que parte de um objeto de memória registrado por meio da fotografia; e para os específicos, pretendo estabelecer estratégias para o desenvolvimento da produção artística, por meio de reflexões e análises no contexto processual e conceitual da obra.

A luz deste inquietante tema escolhido e muita vontade de abordá-lo trago a seguinte problemática de pesquisa: como abranger a vivência e a descoberta de um objeto de memória no âmbito de uma produção artística? E algumas indagações que motivaram o desenvolvimento desta proposta: como propor possíveis ligações entre fotografia e memória em uma produção de arte? Qual o lugar da fotografia em uma produção artística mediante o objeto de memória?

Para melhor dinâmica de leitura e organização da pesquisa, inicialmente trago “minha trajetória pessoal” introduzindo o corpo textual trazendo a problemática, os objetivos e sua disposição em capítulos.

No capítulo “encontrando um caminho”, apresento em partes o processo em decorrência do aprendizado adquirido durante o curso de Artes Visuais, dividindo-o em três subtítulos. Um deles fala do que realmente capturou meu olhar para a fotografia. No outro, faço reflexões sobre memória, lembranças, momentos da infância em torno do objeto de pesquisa. No último, apresento a entrevista realizada com dois familiares do seu Hugo, trazendo também, uma breve fala sobre um objeto afetivo da família. Entrelaço com autores como Salles (2009), Bachelard (1988, 1993) e Kubrusly (2003).

No capítulo seguinte, “memória e fotografia: devaneios de um olhar sensível” remeto-me ao problema da pesquisa, relacionando memória e fotografia. Trago autores como Bachelard (1988), Bosi (2001), Barthes (1981), Dill (2009), Soulages (2010) e Dubois (2003).

Tendo em vista que para a conclusão do curso devemos apresentar uma produção artística, este capítulo aborda sobre o processo de criação e a produção artística: *Devaneios de um lugar [a casa]*. Optei por trazer em planos escrevendo de forma narrativa pessoal buscando evidenciar a produção, firmando sempre um elo com a fundamentação teórica.

No capítulo “arte contemporânea”, trago conceitos e reflexões sobre o tema, destaco a instalação e a fotografia, pois são linguagens presentes na minha produção artística. Ainda promovo diálogos com duas artistas contemporâneas: Helene Sacco e Claudia Zimmer. Contextualizo trazendo autores como Cauquelin (2005), Lamas (2007), Stolf (2007), Huchet (2009) e Cattani (2002).

Com relação à “metodologia” sendo uma pesquisa em artes visuais, fundamento este estudo com autores como Rey (2002), Minayo (2004), Gil (2002) e Fachin (2003); na sequência trago a “apresentação e análise de dados” pontuando a

coleta de dados realizada em todo o período da pesquisa, bem como, algumas informações relevantes do processo poético que resultou na produção artística *Devaneios de um lugar [a casa]*.

Finalizo trazendo as “considerações finais” da pesquisa, buscando responder meu problema, objetivos alcançados, questões levantadas neste processo prático/reflexivo, bem como a criação artística.

2 ENCONTRANDO UM CAMINHO

2.1 UM OLHAR PARA O OBJETO - A BOTA

A consciência de minha produção artística se deu a partir da participação em duas exposições coletivas com fotografias: a primeira *E Nós, Quem Somos?* realizada na Galeria de Arte Contemporânea da Fundação Cultural de Criciúma, em 01 de junho de 2012, com a curadoria da professora Amalhene Baesso Reddig da disciplina de Arte e Agenciamento Cultural - UNESC. Na segunda, *Fragmentos Revelados*, realizada no dia 19 de junho, ocorreu no espaço de acesso que fica junto à biblioteca (corredor) da Unesc, com a curadoria da professora Cristina Bergmann Corrêa da disciplina de Ensaios Fotográficos - UNESC.

Para esta exposição *E Nós, Quem Somos?* não foi nos dado um tema específico, a única determinação era que cada um buscasse uma criação própria. Ainda sem uma ideia, comecei a caminhar com a máquina fotográfica na mão pelas imediações onde resido no Bairro Morro Estevão (Criciúma/SC) registrando tudo que chamava minha atenção.

Uma casa, digamos que bem velha, sempre esteve no meu campo visual e eu não tinha prestado atenção nela. E foi que, digamos a partir dela que tudo começou. Como já a conheço bem, entrei e fotografei seu interior que se resume em apenas um cômodo (sem paredes divisórias). Mas ainda não satisfeita com os resultados decidi me deslocar novamente para seu exterior. Ao circular [a casa], nesse vai e vem para os registros, meu olhar foi instigado a olhar para baixo dela, acabei encontrando vários objetos abandonados, desde utensílios domésticos (garrafas e vasilhas plásticas, garrafões de vinho, etc.) até diversas peças de vestuário masculino. Mas o que realmente capturou meu olhar para a fotografia foi uma bota de borracha coberta de rachaduras de terra endurecida, pelo tempo e condições climáticas. Ainda tocada pela descoberta a fotografei em todos os ângulos possíveis.

A partir destes resultados praticamente estava definido o material para a exposição. Assim, apresentei a fotografia deste registro da bota juntamente com a bota real coberta de terra e instalei-as lado a lado no chão da galeria (Figura 1), intitulado a obra *Memória do Outro*. A imagem fotográfica e o objeto material (a bota) apresentados no chão foram à maneira que encontrei para dar visibilidade ao

conjunto (imagem e objeto), ocasionando relações de onde eles vieram. A obra apresentada no espaço expositivo foi à forma de materializar a minha experiência durante todo o processo vivenciado.

Figura 1 - A obra: Memória do Outro, 2012



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Para Salles (2009, p. 104) “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens de hoje as experiências do passado.” Sendo assim, a minha produção artística e dos demais colegas acadêmicos nesta exposição oportunizaram abertura para novos diálogos entre obra e público, inclusive devido à sua divulgação nas redes sociais, jornais online e impressos, havendo retorno positivo do espectador e das mídias locais¹. (disponíveis no Anexo A)

Após o encerramento da exposição, resolvi colocar a bota no mesmo local onde havia retirado. Na minha consciência o objeto não pertencia a mim, fazia parte daquele lugar, daquela terra. Neste momento não registrei este fato.

¹ Reportagens das mídias Jornal da Manhã e Unesc sobre a exposição E nós, quem somos?

2.2 AVISTANDO O MEU QUINTAL... AINDA AQUELA CASA

Tudo começou com aquela casa (Figura 2), acredito que o interesse gerado por este lugar, em particular captado por meio de fotografias, oportunizou o foco para a pesquisa poética e reflexiva para o Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Visuais – Bacharelado.

A obra Memória do Outro que inicialmente partiu deste processo criativo de fotografar as particularidades de uma casa, mas que ao longo do tempo ampliaram meu olhar para um contexto mais abrangente que eu não havia visto, favoreceram as reflexões levantando questionamentos por não tê-la percebido antes com este foco de interesse. Encontro em Bachelard (1993, p. 25) explicação para compreender este fato, “[...] a casa não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam tesouros dos dias antigos.”

Figura 2 - A casa, 2013



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Assim, como tantas histórias contadas a desta casa não poderia ser diferente, até então uma simples casa velha, abandonada, esquecida e de repente começo a vê-la de uma nova forma, percebendo que existe algo além dela mesma, desse conjunto de madeira velha, com portas, janelas, telhado, e que foi de certa forma, a morada de alguém bem conhecido e querido para mim. Conforme Salles (2009, p.108) “a percepção é a ação do olhar responsável pela construção das imagens geradoras de descobertas ou de transformações poéticas.”

Acordar todas as manhãs e observá-la sobre suas velhas estruturas é acreditar que as forças de suas paredes continuam sustentando não só o material, mas principalmente, lembranças. (Figura 3)

Figura 3 – Vista da janela do meu quarto, 2013



Fonte: Arquivo pessoal da autora

De acordo com Kubrusly (2003, p. 68) “muitas vezes o que torna forte uma imagem, que a faz pujante ou arrebatadora, são elementos independentes do tema, contidos na forma de tratar a imagem.” Ao adentrá-la, vejo a força pulsante em cada canto, em cada teia de aranha, em cada buraco feito com o tempo que vem a brotar raízes que deslizam pelo assoalho. Nem as grandes ventanias são capazes de derrubá-la.

A imagem nos fornece uma ilustração da nossa admiração. Os registros sensíveis se correspondem. Completam-se um ao outro. Conhecemos, num devaneio que sonha sobre um simples objeto, uma polivalência do nosso ser sonhador. (BACHELARD, 1988, p. 147)

A imagem da casa corresponde a um elo forte entre as minhas vivências e a das pessoas que moraram nela. Foi por muito tempo a residência de um grande amigo, seu Hugo² (Figura 4) que me chamava carinhosamente de “pupinha”³. Uma pessoa simples e muito humilde. Cuidava de suas terras com muito cuidado e carinho, suas últimas vindas até esta casa foram para passear e ver suas bananeiras. Após o falecimento do seu Hugo (27/07/2009), [a casa] veio a se tornar um depósito para armazenamento de bananas por minha família, ficando abandonada, pois estava sem condições para servir de moradia.

Ainda hoje se sustenta com suas vigas fortes, com armações de madeira e o telhado, é bem verdade que não apresenta a mesma segurança por ser antiga. O assoalho está meio solto, todas as portas e janelas estão remendadas, de canto a canto dá para se ver imensos buracos, dos quais se avista a paisagem do campo.

Figura 4 - Seu Hugo com os bois⁴



Fonte: Arquivo pessoal da Família Dal Pont

² Resolvi manter na escrita o modo que desde criança chamei - seu Hugo (in memorian).

³ Pupa (pupinha), sf. Boneca, menina, mocinha, criança. Conforme o dicionário italiano do autor ZINGARELLI, Nicola di. Vocabolario Della Lingua Italiana. 1999. 780 p.

⁴ As fotos sem data, não constam nos arquivos familiares pesquisados (p.17 e p.23).

Alguns objetos ficaram esquecidos como o chapéu de palha. Ah! Deste chapéu eu lembro, eu ainda criança, e seu Hugo usava para o roçado⁵ nunca se esquecia dele.

Em outras lembranças, recordo também da cadeira de madeira, onde descansava depois de capinar; do sofá preto, que atualmente está todo corroído porque um gambá fez um ninho nele (não encontrei o gambá para fotografar, apenas pistas dele).

Todos os dias seu Hugo retornava de ônibus para sua residência, mas sempre conferia sua aparência no espelho pequeno. Este gesto ficou registrado nas minhas memórias. Sem contar com a balança de madeira, que tinha a função de pesar o colhido no roçado de bananas e seu Hugo marcava em uma tabela com giz a quantidade colhida (Figura 5). Ainda encontrei na casa uma prateleira de madeira que servia para colocar as panelas. Conforme cita Ramos (2004, p. 151-152) “[...] a vida que há nos objetos, a historicidade constitutiva dos objetos, que permite novas aventuras para o ato de conhecer o nosso mundo e o mundo de outros tempos e outros espaços”.

Figura 5 - Tabela de marcações de bananas cortadas, 2013



Fonte: Arquivo pessoal da autora

³ Terreno que se roçou para ser cultivado. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/rocado/>>. Acesso em: 20 abr. 2013.

Estes objetos foram encontrados na casa, e outros que pertenceram a ele foram preservados e guardados pelos familiares do seu Hugo, pois, de alguma forma, foram importantes para seu trabalho na agricultura.

Ao longo do percurso da pesquisa venho percebendo que não se trata apenas da casa em si, abrange muito mais, a presença dos objetos, das lembranças e memórias que não foram esquecidas por mim, nem pelos seus familiares. “A função de habitar faz a ligação entre o cheio e o vazio. Um ser vivo preenche um refúgio vazio. E as imagens habitam. Todos os cantos são frequentados, se não habitados”. (BACHELARD 1993, p. 149)

Inicialmente, pela minha curiosidade em fazer os registros fotográficos, acabei deparando com a casa, hoje inabitável devido às condições precárias, porém, alguns objetos pessoais do seu Hugo, permanecem lá. É uma forma de deixar [a casa] viva, pulsante. E como o autor afirma “as imagens habitam”, e é isso que encontro neste ambiente e por meio do olhar sensível capturo estes detalhes. Estar dentro da casa não é se sentir só, é se sentir aconchegada.

2.3 CONVERSANDO COM O SEU AQUILINO E DONA ZÉLIA

Instigada por mais informações sobre [a casa] e conhecer melhor a história do seu Hugo, acabei entrando em contato com seu Aquilino Benedet (primo irmão), que foram criados juntos. Dona Zélia (a filha do seu Hugo) foi a intermediária para a entrevista. Ela ficou muito feliz e emocionada por esta proposta de pesquisa, de manter as memórias da casa que por um bom tempo morou seu pai. A conversa foi gravada no dia 07 de março deste ano, na residência do seu Aquilino.

Com seus 80 anos e uma memória de menino, ativo e muito conversador, contou muitas histórias sobre [a casa] e a vida do seu Hugo.

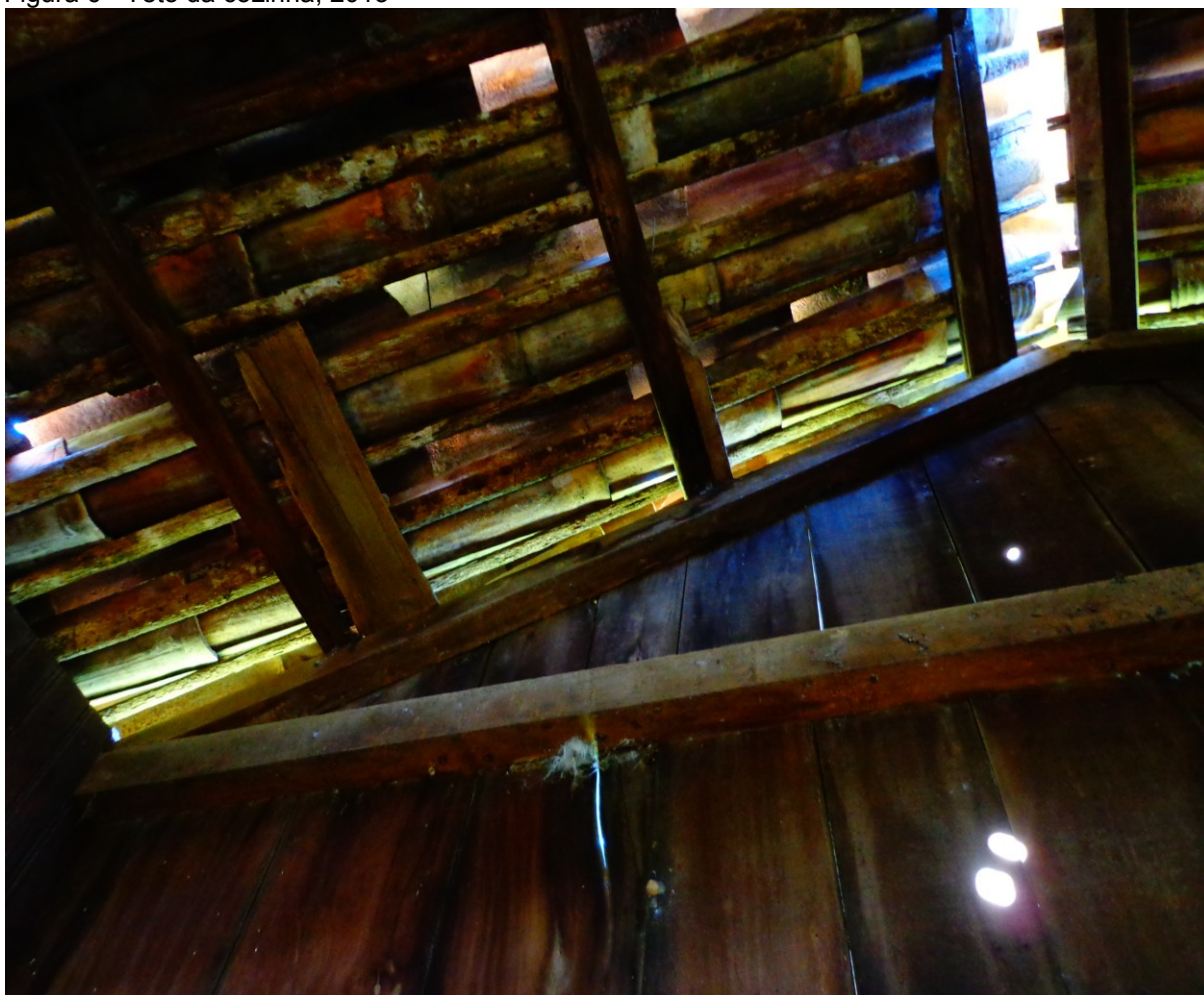
Primeiramente, comentou que [a casa] foi construída com apenas um cômodo, a cozinha (o que me surpreendeu) e pelas suas informações tem praticamente 60 (sessenta) anos. As divisórias desta casa foram organizadas para uma dispensa da cozinha, que também foi colocado um fogão a lenha e um espaço para refeições.

Seu Aquilino contou que o responsável pela construção da casa foi o Rico Biff (carpinteiro) e o próprio seu Hugo. A madeira utilizada na construção foi da

espécie peroba, foi a última que cortaram na mata, onde hoje é a cerâmica Cecrisa⁶. Seu Aquilino diz que o Emílio Antonio Gomes (meu avô paterno), desbravou um pedaço de terra, onde se localiza a cerâmica, foi dali que cortaram a madeira para fazer as tabuas da cozinha.

As telhas foram compradas na “Olaria dos Netos”, que ficava localizada no Bairro Renascer, Criciúma/SC. A casa nunca teve forro (Figura 6), pois temia que os cupins comessem a madeira de qualidade inferior que era oferecido nas lojas de materiais de construção. Naquela época não sabiam o nome desse inseto, depois de algum tempo souberam que era o chamado “cupim”.

Figura 6 - Teto da cozinha, 2013



Fonte: Arquivo pessoal da autora

⁶ Cecrisa Revestimentos Cerâmicos S/A, localizada no Bairro Prospera, Criciúma/SC.

O seu Hugo conheceu sua esposa dona Candida Benedet e foram morar na casa feita de madeira de lei⁷, que tinha na frente da cozinha. Seus filhos, Amauri Dal Pont (in memorian), Ademar Antonio Dal Pont, Adelar Líbero Dal Pont e Rui Dal Pont nasceram na casa (objeto de pesquisa) e a Maria Zélia Dal Pont Mendes (conhecida como dona Zélia) nasceu na casa atual do seu Hugo (localizada no Bairro Comerciário, Criciúma/SC). Mas tarde quem morou nela, foi o tio do seu Aquilino - Antonio Evangelista.

Na frente da cozinha tinha outra parte da casa (mais antiga), seu Hugo ao trocar de endereço, desmanchou parte da madeira boa e fez porta e janela da casa atual, citada anteriormente. E no lado direito da casa tinha um paiol grande, era onde eles secavam a alfafa⁸.

Seu Aquilino contou algumas curiosidades: a figueira que tem na grotá⁹ é a mãe da figueira que tem do lado da casa; que sua falecida nona, viu uns bugres¹⁰, que ficavam pendurados nos coqueiros comendo os frutos e contou que avistou onças¹¹ (Jagatirica – *Leopardus Pardalis*) pela região.

As terras onde se localiza [a casa] foram de herança. Seu Aquilino ganhou primeiro, depois o seu Hugo comprou boa parte deste terreno.

Em outra visita realizada no dia 12 de abril de 2013, fui até a residência da dona Zélia (filha do seu Hugo), onde me recebeu para mostrar as fotos e documentos da família. Como sendo a única filha mulher, muito cuidadosa igual à sua mãe, guardou os documentos pessoais e objetos utilizados pelos seus pais na casa. Em sua sala, mostrou com sorriso e brilho no olhar, o guarda roupa de madeira de 1943 da casa do seu Hugo; porém outra utilidade foi dada ao objeto, tornou-se uma cristaleira (foram modificadas as portas, substituídas de madeira para

⁷ Designa, em sentido mais amplo, no Brasil, as madeiras nobres que, por sua qualidade e resistência, principalmente ao ataque de insetos e umidade, são empregadas em construção civil, naval, confecção de móveis de luxo, artigos de decoração, entre outros. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Madeira_de_lei>. Acesso em: 18 mai. 2013.

⁸ Planta da família das leguminosas, utilizado como alimento para gado, cavalo ou outros animais. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/alfafa/>>. Acesso em: 18 mai. 2013.

⁹ Terreno situado na interseção entre terras é um vale profundo. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/grota/>>. Acesso em: 20 abr. 2013.

¹⁰ Numerosa e bárbara nação indígena selvagem do Brasil. Disponível em: <<http://www.dicionarioweb.com.br/bugre/>>. Acesso em: 29 abr. 2013.

¹¹ Com corpo flexível e forte, dentes e garras bastante evoluídas, sentidos aguçados e reflexos suaves e, ao mesmo tempo, rápidos, os felinos silvestres constituem um autêntico “modelo” entre os animais predadores. Disponível em: <<http://www.felinosdoaguai.com/felinos.htm>>. Acesso em: 29 abr. 2013.

vidro). Outros objetos também estavam guardados: o enxoval do casamento, a máquina de costurar de pedal (marca Victória) e a sopeira, utensílios que o seu Hugo e sua esposa deixaram para a sua família. (disponíveis no Anexo B)

E assim, os entrevistados abriram seus corações em uma conversa agradável, cheias de lembranças e momentos de nostalgia. Confesso que foram tardes de trocas de conhecimento e experiências de vida que me marcaram. E como sabiamente dona Zélia disse “*Quem não gosta de história, não dá valor a vida.*”

2.3.1 A sopeira enquanto objeto afetivo

Selecionei para este estudo a sopeira (Figura 7) por ser objeto de afeto da família do seu Hugo. Este objeto ganhou destaque por ter sido manifestada como um objeto guardado ao longo do tempo com carinho pela família. Nos relatos de dona Zélia (filha do seu Hugo), me confidenciou que dona Candida começou a namorar seu pai quando ela tinha quinze anos, e quando completou vinte e um anos, eles se casaram (Figura 8) e foram morar com a sogra, dona Angela.

Figura 7 - A sopeira, 2013



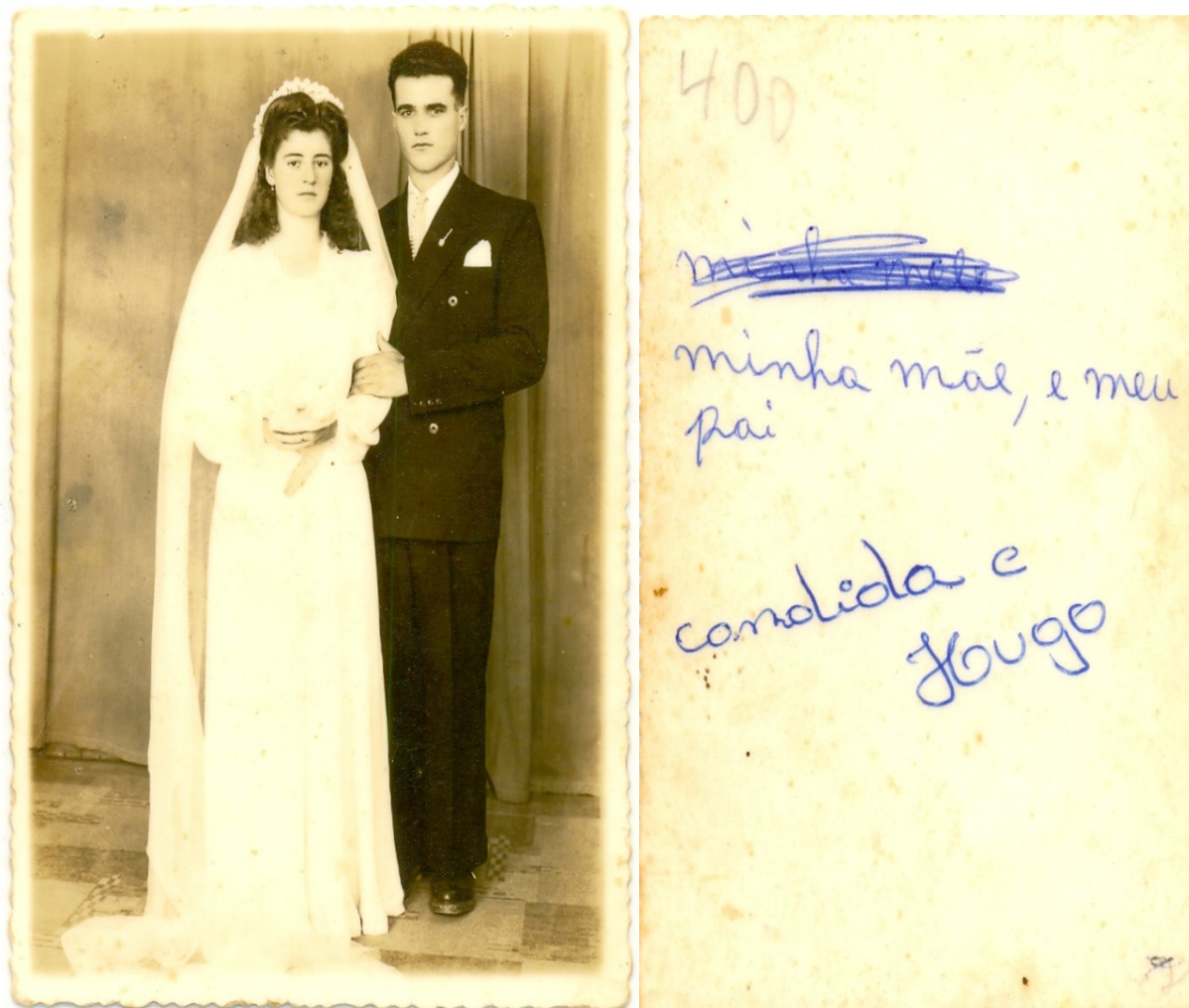
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Conta ela que na festa de casamento era costume os convidados oferecerem alimentos para este momento de comunhão. Nesta época havia o costume de engordar porcos, novilhos e galinhas, mas durante o relato me chamou atenção o fato da festa durar dois dias. Também, era comum as famílias se reunirem para fazer cavaquinhos, broas, pães, roscas no forno a lenha.

A sopeira foi um presente de casamento, e na época muito utilizado pelas famílias, pois, conforme a tradição como prato de entrada, tinha-se o hábito de servir sopa no almoço, e por causa disso, os noivos ganharam a sopeira de presente. Dona Zélia não se recorda quem deu o presente.

Quando o casal fez bodas de cinquenta anos, dona Zélia resolveu fazer uma comemoração só com familiares e organizou uma surpresa para a mãe, fazendo a tradicional sopa que foi servida na sopeira.

Figura 8 - Foto (frente/verso) do casamento dona Candida e seu Hugo



Fonte: Arquivo pessoal da Família Dal Pont

Ao passar dos anos dona Candida foi envelhecendo, então resolveu presentear sua filha com a sopeira, sabendo que ela a guardaria com carinho. Dona Zélia mencionou que sua mãe queria que tivesse uma coisa que se lembrasse da sua família, ela confessou que este utensílio era muito especial e o tinha usado, apenas na comemoração das bodas de ouro.

E um dia dona Zélia limpando o armário, percebeu que tinha um pedaço da alça da sopeira quebrada, sua empregada a quebrou acidentalmente. Comentou comigo que preferiu não contar para sua mãe, para não deixá-la triste. Atualmente a sopeira esta guardada em um local seguro e decidi me emprestar o objeto de afeto para compor a minha produção artística.

3 MEMÓRIA E FOTOGRAFIA: DEVANEIOS DE UM OLHAR SENSÍVEL

Retornando ao objeto de estudo [a casa], passei a compreender que por meio do meu olhar, também me transformei ao percebê-la, pois esta casa guarda muito mais do que a memória da família do seu Hugo, guarda também meus devaneios pessoais. Da minha infância carrego muitas lembranças e hoje percebo que as imagens prevalecem acima de tudo. Bachelard (1988, p. 94) diz que “a memória é um campo de ruínas psicológicas, um amontoado de recordações. Toda a nossa infância está por ser reimaginada.” Não esqueço o movimento corporal de seu Hugo caminhando sutilmente utilizando a enxada como bengala. Esta é uma imagem registrada em minha memória, pois parte da minha infância convivi quase que diariamente com ele. Para mim, se tornou parte da minha família devido a nossa proximidade afetiva, pois tínhamos amizade e carinho, estes momentos não tem preço.

Da mesma forma, que a dona Zélia, se emocionou todas as vezes que relembrou de algum fato ocorrido, também me sinto tocada por tudo que ela me contou, entre momentos felizes e tristes de vivências. E estar na casa, é o momento de reencontrar os devaneios da infância, de recordar o tempo vivido.

Segundo Bosi (2001, p. 53) “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens-lembrança.” A autora (2001, p. 55) ainda afirma que “a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, a nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.”

Ao adentrar na casa a sensação é de estar no aconchego familiar (minhas memórias), apesar do vazio, do silêncio que permeia dias e noites, ela permanece viva com os objetos antigos utilizados pelo seu Hugo, fazendo parte da construção desta investigação, que é também parte da minha história vivida na infância.

Conforme Bachelard (1989, p. 91):

A companhia vivida dos objetos familiares nos traz de volta a vida lenta. Perto deles somos tomados por uma fantasia que tem um passado e que, no entanto reencontra a cada vez um frescor. Os objetos guardados no “armário de coisas” (*closier*), nesse estreito museu de coisas que gostamos, são talismãs de fantasia.

A casa enquanto estrutura material não é mais a mesma, o chapéu está corroído (Figura 9), a cadeira está sem o acento, a balança está enferrujada, o limo se espalhou pelas paredes, as teias de aranha formam caminhos que percorrem do teto ao chão e algumas telhas estão quebradas. Esta situação de envelhecimento provocada pelo tempo, constitui fragmentos de toda uma vivência.

Figura 9 - Chapéu do seu Hugo, 2013



Fonte: Arquivo pessoal da autora

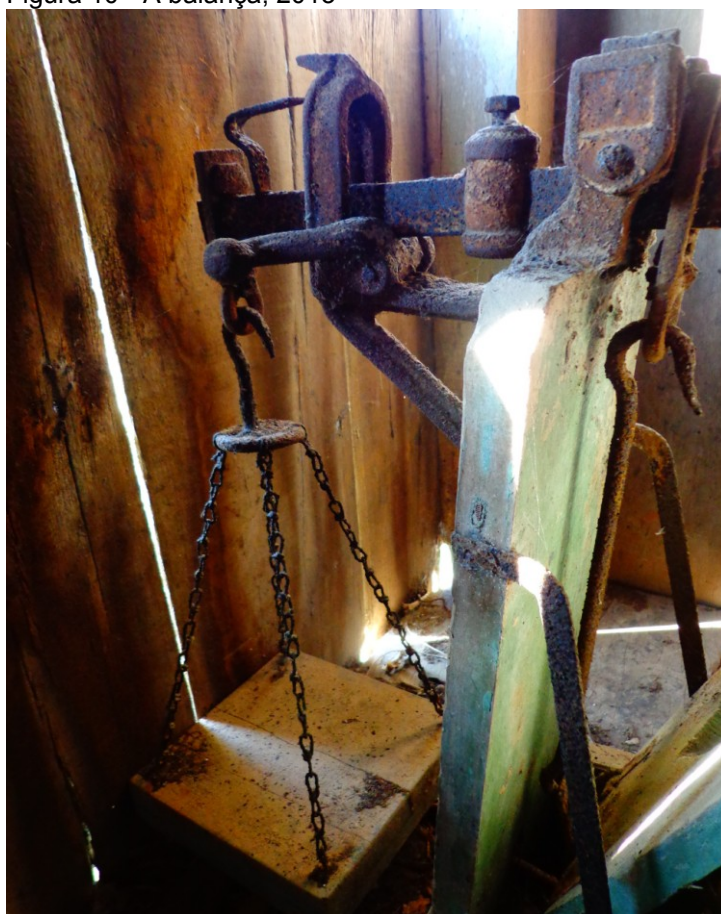
A fotografia enquanto linguagem se estabelece nesta pesquisa como um instrumento real capaz de tornar uma projeção do passado, fazendo parte de nossa vida presente. Para Barthes (1981, p. 13) “o que a fotografia reproduz ao infinito só ocorre uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente.” As escolhas para as fotografias não partiram de regras criteriosas, foram sim, de escolhas pessoais.

A foto revela fragmentos visíveis, imagens que contêm assunto histórico, mostrando parcela da realidade, determinados aspectos, mas não substitui a realidade tal qual aconteceu no passado. A fotografia congela imagens de instantes da vida pessoal, das coisas da natureza, da paisagem urbana ou rural, possibilitando múltiplas interpretações (DILL, 2009, p. 90).

Quando registro um momento é uma forma que tenho de guardar e eternizar um fragmento do tempo, e portando, da vida. É um instante que fixo o meu olhar para um espaço que me provoca (Figura 10). Segundo Soulages (2010, p. 13) “a fotografia faz sonhar, trabalha nosso devaneio e nosso inconsciente, habita nossa imaginação e nosso imaginário [...]”.

Estes devaneios sensíveis permitiram ousar nos ângulos, buscando a melhor iluminação natural, no contraste da luz e sombra, ou seja, é o tempo que tenho para ser criativa, de libertar, experimentar e buscar novas possibilidades para ampliar o olhar. Compreender e sentir requer observação, um olhar atencioso, alerta e preparado para este registro. Boas fotografias não acontecem sempre, e é muitas vezes, no inesperado, no acaso que ocorre o registro daquela imagem única.

Figura 10 - A balança, 2013



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Registrar também é guardar as lembranças, os sonhos, os desejos e as ocasiões importantes. É por meio dos registros fotográficos que muitas vezes recordamos o que passou. Conforme Dubois (2003, p.30) “a fotografia é um auxílio da memória, um simples testemunho do que foi.” De certa forma, este registro que faço da casa, dos fragmentos materiais e objetos contidos nela são para mim, testemunho de presença que compõem este todo, e que provoca uma emoção indescritível. E a partir destas fotografias procuro trazer a concretude deste momento vivido por meio do olhar sensível, buscando capturar um instante carregado de algum sentido.

Uma boa fotografia é aquela que atrai o olhar, faz refletir sobre ela e situa o tempo e o espaço. Estabelece uma correlação entre os significados simbólicos que compõem o quadro e dá sequência ao contexto em que ela está inserida (DILL, 2009, p. 117).

Portanto, a imagem para mim representa além de um relato de presença daquele momento em minha vida, também o da minha vida entrelaçada naquele momento de presença. Sendo assim, aqui cabe trazer novamente o meu problema da pesquisa: como abranger a vivência e a descoberta de um objeto de memória no âmbito de uma produção artística?

Assim, a fotografia vem se apresentando nesta pesquisa como base para o desenvolvimento da minha produção artística, abrangendo questões de vivências e memórias pessoais, possibilitando a descoberta, a experimentação e a criação.

4 PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Organizei para dar início a produção artística um acervo virtual com todas as imagens deste processo, que iniciou em fevereiro deste ano, tem em torno de cento e cinquenta imagens registradas, com o auxílio de uma câmera digital compacta (Sony Cyber-shot DSC-W630), entre períodos de manhãs, tardes, dias ensolarados e nublados.

Inicialmente, este processo de pesquisa poética dialoga com a linguagem da fotografia e reflete questões sobre a memória, o olhar sensível e estudos teóricos que nortearam o problema de investigação. Com a proximidade afetiva com o seu Hugo durante minha infância, me debrucei em uma pesquisa histórica sobre sua vida e o processo de reconstrução da casa (objeto de estudo).

Destaquei na fotografia [a casa] em primeiro plano, pois esta guarda muito mais do que a memória da família do seu Hugo, guarda também minhas memórias durante o meu período de criança. Desta forma, me coloco como experiência na produção artística, me inserindo no contexto fotografado. Neste momento, [a casa] torna-se um vínculo de aproximação com minhas vivências e memórias entrelaçadas com o todo que se constitui neste lugar.

Defino para o conjunto da produção, uma imagem fotográfica maior em preto e branco, medindo 75 x 100 cm, impressa em placa PS adesivo¹². Contei com o auxílio de minha mãe, Rosa Borges Gomes, para este registro. Escolhi para esse momento, de estar na fotografia, usar algo familiar, então decidi pelo uso da camisa branca do meu pai, Vanio Antonio Gomes, onde relaciono questões ligadas à poética da produção.

Fazendo parte do conjunto, acondiciono em um álbum (23 x 22 cm) especificamente projetado, os fragmentos fotográficos menores, treze fotos ao todo, na dimensão 10 x 15 cm, impressas em papel fotográfico (Fotos 11,12,13,14 e15)¹³. E também outro elemento importante, a sopeira como objeto afetivo da família representando o elo entre o passado e o presente. Este utensílio tem a dimensão de 18 x 35 x 60 cm, de cor branca, porém amarelada devido ao uso da peça, possui 2

¹² Também conhecida como PS, a chapa de poliestireno é largamente utilizada em diversas aplicações adesivas como: comunicação visual, embalagens, placas entre outros. Disponível em: <<http://www.plastireal.com.br/chapa-poliestireno.php>>. Acesso em: 21 abr. 2013.

¹³ (Figura 11 - 12) As imagens estão inclusas no álbum e são registros feitos por entre buracos que se formam nas paredes da casa. Aqui, abrem-se possibilidades para se pensar em futuros trabalhos artísticos.

(duas) linhas circulares de cor marrom com detalhes em azul que formam um conjunto de losangos de 12 (doze) com 3 (três) unidades cada. A sopeira pertence hoje à dona Zélia, e foi emprestado para compor a produção artística.

Estes elementos estarão sobrepostos em uma prateleira de madeira branca, que mede de 25 x 60 cm, que será fixada no lado esquerdo da foto maior. Sendo instalada a 80 cm do chão. Demais fotos do álbum estão no anexo E.

Figura 11 - Paisagem I, 2013



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 12 - Paisagem II, 2013



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 13 – Janela da casa, 2013



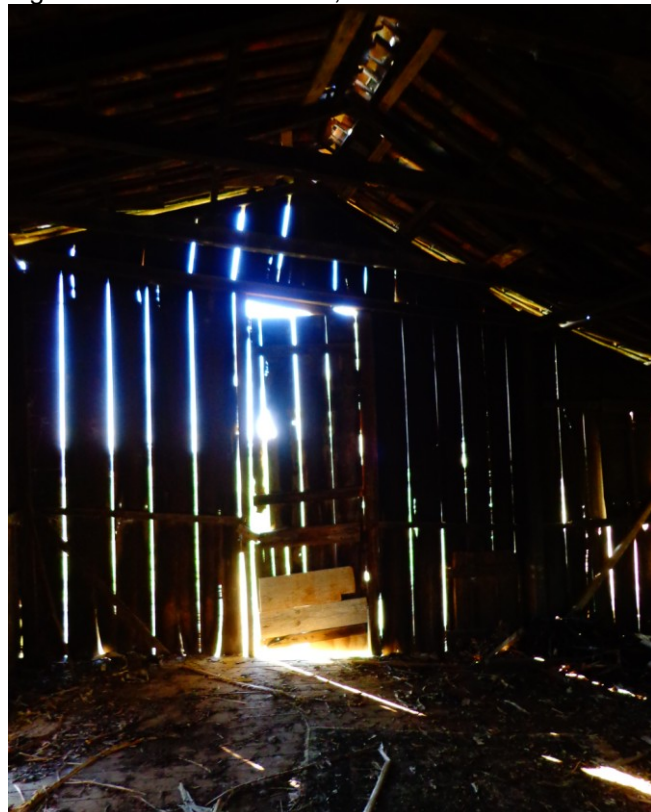
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 14 – A cadeira, 2013



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 15 – Interior da casa, 2013



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Ainda fazendo parte, tenho a “proposição sonora”, que será executada pelo aparelho mp3, e o público terá a oportunidade de escutar por um fone de ouvido, que também estará sobreposto na prateleira, a entrevista em torno de 18 minutos, realizada com seu Aquilino, falando sobre [a casa] e a vida do seu Hugo. Sendo este um elemento mediador entre os planos da produção artística e a narrativa da história de vida do seu Hugo. No dia 6 de maio foi realizada uma pré-montagem da obra no estúdio fotográfico do Bloco Z - UNESC. (Foto 16)

Figura 16 - Pré-montagem da obra, 2013



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Estes elementos compõem a minha instalação intitulada *Devaneios de um lugar [a casa]*¹⁴ que será apresentada na Galeria de Arte Octávia Gaidzinski anexo do Teatro Municipal Elias Angeloni, localizada no Paço Municipal, Criciúma/SC.

¹⁴ A imagem da produção final será anexada, após o registro de sua apresentação oficial.

Figura 17 - A obra: *Devaneios de um lugar [a casa]*, 2013



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Apresentar uma instalação enquanto um conjunto de elementos que envolvem: fotografia, objeto e proposição sonora é uma construção ligada à pesquisa poética. Minha criação artística envolve relações entre memória, fotografia e com esta produção foi possível explorar três sentidos: o tato (sopeira); audição (áudio da entrevista) e a visão (o todo da produção).

De acordo com o contexto que é utilizado, quando se fala de lugar refiro-me ao espaço ocupado pelo objeto, [a casa]. Todos os objetos que fazem ligação com [a casa] ocupam o mesmo espaço, e também os fatos que circulam e circularam neste tempo/espaço fazem parte deste “lugar” um espaço ocupado.

Pensar em uma instalação enquanto situação de interpretação e execução implica em pensá-la e expressá-la como um campo que envolve relações entre memória e fotografia. Apresentei uma relação da minha criação com arte contemporânea no conceito de “lugar”, referenciando as artistas Helene Sacco e Claudia Zimmer, como forma de dialogar com o objeto casa e com a linguagem da fotografia.

5 ARTE CONTEMPORÂNEA

A arte é criação que transmite emoções, histórias e sentimentos. É um diálogo com o olhar, é um convite para entrar em contato com o nosso lado mais humano. A arte continuamente muda de acordo com cada período.

Atualmente, segundo Cauquelin (2005, p. 11) “a arte contemporânea surgida na segunda metade do século XX” e que se alonga até os dias atuais, os questionamentos, as provocações, a busca pelo novo, o diferente, a interação com o espectador, vem sendo motivos de discussões entre artistas e o público. Neste período, surgiram novas linguagens: a videoarte, as performances, os happenings, as intervenções, as instalações e outros.

A instalação é uma linguagem quase sempre efêmera, uma obra instalada em um espaço e às vezes tem um período de duração. Conforme Stolf (2007, p. 78) “[...] a instalação como prática artística contemporânea híbrida que foi gerada nas experimentações artísticas dos anos 60 e 70 (sendo precedidas pelas vanguardas artísticas do início do século XX).”

A arte contemporânea não está apenas em museus, teatros e galerias, está presente também em casas, ruas, praças entre outros ambientes. Segundo Lamas (2007, p.92) “a instalação enquanto linguagem artística é, entre outras características, uma construção de lugares, em que o espaço de exposição se encontra integrado a obra, e a obra depende dele.”

A proximidade entre o objeto e o lugar é uma experiência estética, poética e artística. Ela não é apenas a mera representação do real e não procura ser somente entendida, mas sim sentida e expressada. Como cita Cauquelin (2005, p. 161):

Aonde quer que se vá, não importa o que se faça para escapar, a arte está presente em toda parte, em todos os lugares e em todos os ramos de atividade. Querendo-se ou não, a sociedade tornou-se uma sociedade cultural.

Desta forma, a arte passa a interagir com o público, e este espectador acaba conhecendo não só a obra, mas o processo de criação e vivência do artista, ou seja, sua intenção, o seu próprio modo de fazer arte. Assim, faço uma relação com a fotografia e a memória, sendo que a fotografia esteve presente em muitos

momentos da arte, registrando importantes acontecimentos da história, constituindo-se como instrumento de uma memória.

De acordo com os estudos realizados busquei encontrar diálogos com o objeto de pesquisa, [a casa]. A fotografia nos tempos atuais é uma importante linguagem das artes visuais. É um instrumento atuante dentro da arte contemporânea.

A fotografia contemporânea, tal como a pintura, tem na sua essência a criação de metáforas, de conotações, de analogias diversas [...]. O visível não é necessariamente aquilo que se nos é apresentado perante os olhos. [...] a fotografia percorreu todo um caminho que, em várias épocas foi apenas o seu, alheada da História da Arte, mas que hoje se integra e constitui um verdadeiro ramo da História da Arte Contemporânea (HUCHET, 2009, p. 125).

A maneira como uma obra interage com o espaço e com a arte contemporânea, permite acolher o espectador, em relação a sua percepção. O papel desempenhado pelo público é de interagir com os fragmentos/objetos que esta vinculada a instalação. Para Cattani (2002, p.43) “a troca de olhares, o diálogo do espectador com a obra é algo muito presente na arte contemporânea. É dessa troca, viva, dinâmica, que podem nascer discursos que enformam a obra [...]”.

O encontro com a imagem é simplesmente deixar-se tocar por aquilo que se vê. Este olhar trago em minha pesquisa, o momento com a cena fotografada, [a casa], os objetos e seus fragmentos.

5.1 DIALOGANDO COM AS ARTISTAS

O processo artístico em desenvolvimento voltado para a fotografia e memória me fez buscar estabelecer relações e diálogos com artistas e suas obras para alcançar o entendimento das questões levantadas por elas.

O primeiro diálogo apresenta a casa como espécie de objeto-lugar, com memórias e lembranças da infância. Sendo esta criação artística tratada como uma obra afetiva, não cessa de abrir possibilidades, para investigar a história de outras casas, ou seja, de outro lugar.

No segundo diálogo, destaca-se uma produção artística pessoal da autora por meio da fotografia, agregando novos significados às imagens, assim, passando por um momento de construção de novas cenas.

5.1.1 Helene Sacco

Como essa pesquisa trata da memória e da fotografia, me aproximei da artista Helene Sacco. Apresenta sua dissertação em 2009, intitulada *Casa – movente [A[∞]]: Diário de Construção*. A artista/pesquisadora levantou questões relativas à construção - lugar no mundo contemporâneo e as implicações desse construir através da arte. O curioso hábito está na origem do projeto intitulado *Casa Movente* (2007/2010), espécie de objeto-lugar, uma habitação de pouco mais de três m², com quarto, cozinha, sala e banheiro, onde já ocupou ruas e espaços de Criciúma, Turvo e Itajaí, todos no estado de Santa Catarina. (Figura 18)

Referente à obra *Casa Movente*¹⁵ segundo relato da própria artista consiste em:

[...] a *Casa Movente* me fez perceber as situações criadas por um trabalho de arte como modos de fundação de um território possível. Construir um objeto-lugar que dialogasse com as memórias da casa e ao mesmo tempo abrisse a possibilidade de participação. No caso da *Casa Movente*, era uma lista que fazia parte da minha memória, objetos que eu lembrava das minhas casas da infância. Fiz amigos, conheci histórias, habitei um espaço reduzido, que ficou enraizado não só na minha memória, mas na memória da casa e da rua. Mas talvez o que me deixou mais emocionada foi ouvir as pessoas, as histórias, e perceber uma espécie de afetividade, hospitalidade, e o orgulho de ter a rua e a vizinhança representadas pela Casa M.

A casa, os móveis e os objetos pessoais carregam sentimentos e experiências de vida. É um espaço vivo, sobretudo humano. Ou seja, como afirma a artista Helene¹⁶ “não se trata de uma obra que possui um projeto único, tão pouco se trata de uma obra acabada, mas sim de uma rede de criação processual, que não cessa de abrir novas dobras.”

¹⁵ Relato extraído do texto da Bienal do MERCOSUL. Disponível em: <<http://bienalmercosul.siteprofissional.com/artista/292>>. Acesso em: 21 abr. 2013.

¹⁶ Relato extraído do texto da Bienal do MERCOSUL. Disponível em: <<http://bienalmercosul.siteprofissional.com/artista/292>>. Acesso em: 21 abr. 2013.

Figura 18 - Helene Sacco. Casa-movente. Turvo/SC, 2009



Fonte: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/16799>

Identifiquei-me com a produção poética da artista, pois ela parte de uma produção artística pessoal, fundada em questões e vivências particulares. Desta forma, a artista traça relações entre os objetos, o homem e a casa. E como cita Helene “a participação dos objetos nesta pesquisa, se dá como “material de construção”, repleto de “presença simbólica e traço humano”, como marca, rastro, resto, receptáculo de vivências.”

Também percebo com a pesquisa que em cada objeto que encontro na casa, revela uma presença que não me pertence, mas de um modo muito particular, faz parte de momentos da infância, das experiências adquiridas durante toda a vivência com o seu Hugo, e no contato com seus familiares.

A partir da obra da artista, possibilidades sempre vão surgindo, novos pontos de vista e olhares para o espaço onde um dia habitamos.

5.1.2 Claudia Zimmer

Outra artista de minha escolha foi a Claudia Zimmer que vem se destacando com seus trabalhos artísticos sobre paisagem e fotografia. Na sua dissertação apresentada em 2009, intitulada *Meia paisagem e meia: Algumas considerações sobre o semi-visível*. Coloca algumas reflexões entrecruzadas a uma prática artística pessoal, para isso tece considerações acerca da produção de fotografias de paisagens que são parcialmente obstruídas por excessiva luz ou por uma névoa escura que paira sobre elas.

Em um dos trechos da sua dissertação, a artista comenta sobre o que vem abordando nas práticas artísticas contemporâneas:

[...] a paisagem de múltiplas formas, tanto intervindo diretamente nesta, como não. Mas independentemente do modo, a ela são agregados novos significados. Identificados, portanto como as produções artísticas atuais expõem uma profusão de coisas desencadeadas pelo regime de atenção-distração em que vivemos (ZIMMER, 2009, p. 50).

Relacionando com o objeto de pesquisa, [a casa], trago algumas considerações que a artista acima apontou, quanto à luminosidade que as imagens apresentam. Na casa, dependendo do dia, a claridade é excessiva, a luz do sol entra por todos os buracos das paredes, já em dias nublados, o ambiente fica úmido, escuro. E isto, registrado estando no interior como no exterior do ambiente.

Porém, como a Claudia cita “independentemente do modo, a paisagem, a imagem são agregados novos significados. As imagens passaram por um processo de construção no momento de sua captura, que consistia em não deixar passar luz para certa parte da cena fotografada.” (Figura 19)

Figura 19 - Claudia Zimmer. Janela II, 2008



Fonte: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16797/000707521.pdf?sequence=1>

Sendo esta pesquisa também uma prática artística pessoal, o novo olhar que tive para o objeto, [a casa], foi agregar novos significados às imagens registradas. Pois, os elementos fotografados fazem parte de momentos de uma vivência. E independente do lugar, o fato é ter a sensibilidade de vivenciar o que está à volta.

Os diálogos com os artistas são tanto importantes, para conhecer suas pesquisas, processos e obras como também fortalecer os conhecimentos entrelaçando reflexões e relações entre criações artísticas. E como a pesquisa é fundamental, a obra não se acaba no tempo que se finaliza, novas possibilidades surgirão para concretizar outras produções.

6 METODOLOGIA

Esta pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso intitulada: “*Memória e Fotografia: quando o olhar vem antes do fotografar*”, se insere na linha de pesquisa Processos e Poéticas do curso de Artes Visuais - Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC.

De acordo com Rey (2002, p. 125-126):

A pesquisa *em* artes visuais implica um transito ininterrupto entre prática e teoria. Os conceitos extraídos dos procedimentos práticos são investigados pelo viés da teoria e novamente testados em experimentações práticas, da mesma forma que possamos, sem cessar, do exterior para o interior e vice versa [...]. Para o artista a obra é, ao mesmo tempo, um “processo de formação e um processo no sentido de processamento, de formação de significado”.

Em vista do cruzamento da produção prática e teórica, esta pesquisa se desdobra por meio do campo da criação, da invenção, da descoberta, operando entre a memória e a fotografia, classifica-se desta forma por uma abordagem qualitativa, pois, conforme Rey (p. 127) “muito mais importante que achar respostas é saber colocar questões.”

Para Minayo (2004, p. 21) a pesquisa qualitativa:

Responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Quanto aos objetivos é uma pesquisa exploratória, porque tem como intenção proporcionar maior familiaridade com o problema, ou seja, tem o intuito de torná-lo mais explícito, com a descoberta ou aprimoramento de ideias. Conforme ressalta Gil (2002, p. 41):

Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a considerações dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Também será realizado um levantamento bibliográfico, envolvendo as áreas da arte, arte contemporânea, instalação, memória e fotografia. Ampliando a pesquisa para a delimitação do tema.

Tem finalidade fundamental conduzir o leitor a determinado assunto e proporcionar a produção, coleção, armazenamento, reprodução, utilização e comunicação das informações coletadas para o desempenho da pesquisa. (FACHIN, 2003, p. 125).

Além de ter buscado referência em livros, também foram realizadas entrevistas e por final foi feito uma análise dos dados. Esta pesquisa ainda se classifica como pesquisa de campo, pois “[...] combina entrevistas, observações, levantamentos de material documental, bibliográfico, instrumental etc.” (MINAYO, 2004, p. 26). E também é um estudo de caso, que segundo Fachin (2001, p. 42):

Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento. Caracterizado por ser um estudo intensivo. É levada em consideração, principalmente, a compreensão, como um todo, do assunto investigado. Todos os aspectos do caso são investigados. Quando o estudo é intensivo podem até aparecer relações que de outra forma não seriam descobertas.

A pesquisa então foi realizada no Bairro Comerciário, Criciúma/SC, nas casas de 2 (dois) familiares do seu Hugo. No geral, são pessoas que não tenho convívio rotineiro, mas acabei conhecendo-os devido às entrevistas.

Foram de extrema importância às pesquisas realizadas, a prática com os participantes durante a pesquisa de campo, foi gravada para analisar e compor o subcapítulo “conversando com o seu Aquilino e dona Zélia”. Todo este processo colaborou para uma reflexão sobre o assunto memória, tornando possível conhecer melhor a história do seu Hugo e do objeto de pesquisa, [a casa].

Além disso, a pesquisa resultou em uma produção artística contemporânea *Devaneios de um lugar [a casa]*, caracterizada como uma instalação, composta por uma foto maior onde me como experiência na produção artística; a proposição sonora contendo a entrevista do seu Aquilino; um objeto afetivo da família a “sopeira” e um álbum contendo fotos da casa, estes estarão todos sobre uma prateleira.

7 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Em meio o processo artístico e tentando mais uma vez responder meu problema de pesquisa: como abranger a vivência e a descoberta de um objeto de memória no âmbito de uma produção artística? verifiquei a possibilidade de realizar além dos registros fotográficos, entrevistas direcionadas aos familiares próximos e obter aproximações com a documentação para mais dados para a pesquisa.

Realizei duas entrevistas que foram gravadas com uma câmera digital compacta (Sony Cyber-shot DSC-W630), a primeira foi com o seu Aquilino Benedet, em sua residência, no dia 7 de março, com a duração de 23 (vinte e três) minutos de entrevista; a segunda foi na residência de dona Zélia, no dia 12 de abril com a duração de 12 (doze) minutos de entrevista, ambas neste ano de 2013. É importante ressaltar que os dois entrevistados autorizaram o uso de seus nomes, falas e imagens.

Na entrevista dona Zélia me apresentou outro objeto da família, a sopeira que permanecia ainda com ela e seu Aquilino trouxe fatos novos sobre a casa e outros detalhes relativos ao pesquisado (seu Hugo), digamos, um resgate histórico referente ao contexto geral. Após análises das entrevistas, percebi que poderia após edição, de 18 (dezoito) minutos, transformá-la em um relato contínuo, aí surgiu à ideia da proposição sonora em áudio para formar o conjunto da minha produção artística *Devaneios de um lugar [a casa]*.

Além da entrevista, neste período também fui me inteirando da documentação que dona Zélia me cedeu como: a caderneta da família, certidão de casamento e fotos pessoais do seu Hugo. (disponíveis no Anexo C e D)

A finalidade desta pesquisa de campo foi resgatar maiores informações sobre o objeto de pesquisa [a casa], para juntamente com todos esses dados realizar a minha produção artística. Sendo assim, as informações aqui apresentadas neste capítulo foram de muita importância para esta pesquisa.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar a pesquisa, minha vontade era de falar sobre o lugar que sempre esteve presente na minha vida, em específico [a casa] velha do seu Hugo, que fica praticamente a 100 m de minha residência. A fotografia sendo uma linguagem que sempre admirei, foi o que escolhi para compor minha criação artística. Unir um gosto pessoal juntamente com os estudos sobre memória foi o que me impulsionou para a realização do meu Trabalho de Conclusão de Curso no qual a intitulei - *Memória e Fotografia: quando o olhar vem antes do fotografar*.

Confesso que no início estava preocupada e ansiosa de como transcorreria o assunto, mas aos poucos fui encontrando o caminho em meus pensamentos. Assim, cada nova descoberta era uma grande satisfação, que motivava para mais e mais pesquisas. O desafio maior foi costurar um caminho que cercava o problema na tentativa de esclarecê-lo, ou seja, o tempo para responder o problema em questão: como abranger a vivência e a descoberta de um objeto de memória no âmbito de uma produção artística? Assim, estes estudos contribuíram para o meu esclarecimento e explanação sobre arte contemporânea, instalação, memória e fotografia.

Neste período de estudo, percebi que nos anos de minha infância, guardei um conjunto de imagens, sons e sentidos. E nesse momento de pesquisa uma estranha mistura de sensações me presenteou com muitos fragmentos do passado.

Os comentários, as histórias, as lembranças apresentadas nesta pesquisa poética, me convidaram a incorporar à história familiar do seu Hugo. E acredito que os usos sociais dessas imagens permitirão a criação de um rito de memorização e de integração da arte contemporânea. Minha próxima meta será expor a obra com mais elementos que envolverão [a casa] detalhando com mais precisão os fragmentos que a compõem.

Essa investigação me oportunizou conhecer alguns autores e artistas com os quais trabalhei nesse período de escrita. Conheci mais sobre o meu objeto de pesquisa [a casa] e boa parte de sua história. Sendo assim, criei alguns vínculos afetivos com familiares do seu Hugo. Essa pesquisa foi desenvolvida com o intuito de realizar uma produção artística com relação à arte contemporânea. A obra proporcionou-me uma experiência direta, pois na instalação coloco-me como parte

da composição, este caminho poético e estético me levou a refletir sobre novos conceitos, ideias, construção e reconstrução da produção artística intitulada *Devaneios de um lugar [a casa]*.

Ao estudar a arte contemporânea, me deparei com duas artistas, Helene Sacco e Claudia Zimmer que falaram em suas criações sobre “lugar”. Estas artistas foram pontos de referência que me auxiliaram a dialogar com o objeto casa e com a linguagem da fotografia.

Percebi novas possibilidades, por meio da linguagem fotográfica, me tornei uma pessoa com olhar mais sensível e interessada em registrar os detalhes que passavam despercebidos. Os gestos, as cores, as formas, a luminosidade e outros elementos me instigaram a fotografar com mais frequência. E assim, o gosto pela fotografia fortaleceu-se devido ao percurso da minha trajetória artística. Admiro esta linguagem, a possibilidade de registrar histórias, memórias, emoções, hábitos e significados de um período, me motiva a continuar com este caminho de arte e cultura.

Durante a pesquisa constatei que a fotografia sustenta de forma profunda a função de contribuir para formação de um olhar sensível, estético e crítico. Sendo assim, as fotos, que compõem o “álbum fotográfico” são fragmentos de estudos de imagens, que vem de encontro com o olhar do público.

A instalação pensada e organizada é de uma linguagem efêmera, uma obra instalada em um espaço coletivo com um determinado período de duração. Perante os meus estudos acredito que o papel desempenhado pelo público é de interagir com os fragmentos/objetos que estão vinculados a instalação.

Durante a pesquisa quanto mais descobria objetos e imagens fotográficas, mais buscava saber a fundo de sua história, e percebia a importância desta pesquisa como fonte de registro para o acesso não apenas de uma leitura acadêmica, mas para o acesso da família e da comunidade.

Acredito que enfrentarei dificuldades como artista visual, mas desejo aprofundar meus conhecimentos e experiências estéticas, para trabalhar em ateliês, exposições e setores públicos na área cultural.

Com os conhecimentos adquiridos nesta pesquisa, asseguro que o caminho que desejo seguir é ter como atividade profissional ligada a arte, memória e fotografia. Espero com esta escolha contribuir para o crescimento da cultura de nossa cidade.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **A chama de uma vela**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia de Letras, 2001.

CATTANI, Iceia Borsa. Arte contemporânea: O lugar da pesquisa. In: BRITTES, Blanca; TESSLER, Edida (Orgs.). **O meio como ponto zero**: metodologia de pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002. p. 35-50.

CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea**: uma introdução. São Paulo: Martins, 2005.

ZIMMER, Claudia. **Meia paisagem e meia**: Algumas considerações sobre o semi-visível. 2009. 244f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

ZIMMER, Claudia. **Janela II**. Disponível em:
<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16797/000707521.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 21 abr. 2013.

DILL, Aidê Campello. **História e fotografia**: fragmentos do passado. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 2009.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 2003.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. São Paulo: Saraiva, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HUCHET, Stéphane. Tal qual, a fotografia. In: SANTOS, Alexandre; SANTOS, Maria Ivone dos. (Orgs.). **A Fotografia nos processos artísticos contemporâneos**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 14 – 20.

KUBRUSLY, Cláudio Araújo. **O que é fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LAMAS, Nadjá de Carvalho. (Org.). **Arte contemporânea em questão**. Joinville, SC: UNIVILLE\Instituto Schwanke, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. (Org.). **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 2004.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto**: o museu no ensino da história. Chapecó: Argos, 2004.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Orgs.). **O meio como ponto zero**: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p.123-140.

SACCO, Helene. **Relato extraído do texto da Bienal do MERCOSUL**. Disponível em: <<http://bienalmercosul.siteprofissional.com/artista/292>>. Acesso em: 21 abr. 2013.

SACCO, Helene. **Casa-movente. Turvo/SC**. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/16799>>. Acesso em: 21 abr. 2013.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. São Paulo: Annablume, 2009.

SOULAGES, François. **Estética da Fotografia**: perda e permanência. São Paulo: Editora Senac, 2010.

STOLF, Raquel. A instalação enquanto situação – Entre acontecimentos, proposições, inserções e outros desdobramentos. In: LAMAS, Nadja de Carvalho (Org.). **Arte contemporânea em questão**. Joinville: UNIVILLE, 2007. 76-85 p.

ZINGARELLI, Nicola di. **Vocabolario Della Lingua Italiana**. 1999.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A - AUTORIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS PARA USO DAS FALAS E IMAGENS

AUTORIZAÇÃO

Eu, Agustino Benedit, concordo em participar da pesquisa proposta por Andressa Borges Gomes sobre Memória e Fotografia: Quando o olhar vem antes do fotografar. E sei que posso desistir de participar a qualquer momento, sem problema algum. Deixo que usem na pesquisa e mantenham guardadas na UNESCO as minhas falas, as minhas imagens e outros trabalhos feitos por mim.

Por ser verdade, firmo o presente.

Ciciúma, 15 / 05 / 2013.

Agustino Benedit

(Assinatura)

APÊNDICE A - AUTORIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS PARA USO DAS FALAS E IMAGENS

AUTORIZAÇÃO

Eu, Maria Lúcia Galvão Mendes, concordo em participar da pesquisa proposta por Andressa Berger Gomes sobre Memória e Fotografia: Quando o olhar vem antes do fotografar. E sei que posso desistir de participar a qualquer momento, sem problema algum. Deixo que usem na pesquisa e mantenham guardadas na UNESCO as minhas falas, as minhas imagens e outros trabalhos feitos por mim.

Por ser verdade, firmo o presente.

Caciúma, 15 / 05 / 2013.

Maria Lúcia Galvão Mendes
(Assinatura)

ANEXO(S)

ANEXO A - REPORTAGEM DO JORNAL DA MANHÃ SOBRE A EXPOSIÇÃO: E NÓS, QUEM SOMOS?

Exposição “E nós, quem somos?” no Jornal da Manhã. Edição 09 e 10 de junho de 2012.

Variedades

14

CRICKMA, 9 E 10 DE JUNHO DE 2012 • SÃO PAULO E DOMINGOS • jornaldamanha.com.br

JM

INCENTIVO A Clique aqui para ampliar esta página

Curso de Artes Visuais da Unesc promove exposição na FCC

“E Nós, Quem Somos?” é o título da exposição organizada pelos alunos da sexta fase

Crônica

A Galeria de Arte da Fundação Cultural de Crissolite (FCC) está recebendo a exposição “E Nós, Quem Somos?”, e as portas estão abertas para todos que quiserem apreciar os trabalhos. O projeto é uma iniciativa da sexta fase do curso de Artes Visuais da Unesc, por meio da disciplina Arte e Agência Cultural, que foi implementada na grade curricular nesta semana. Ao total, 26 alunos foram produzidos

pelos estudantes durante os meses de aula, a fim de proporcionar a experiência do contato com o público e a realização artística.

Segundo a professora Aracelis Ilseus Bastos, todos os alunos foram envolvidos com cada um para que todos pudessem ter a experiência de organizar uma exposição e tudo que envolve o evento, desde a preparação dos materiais para a abertura até a determinação do preço de cada obra. “A questão do valor é uma grande dificuldade para o artista, e isso faz um

dos desafios propostos a eles, pensar também na comercialização da peça”, comenta. Aracelis também afirma que a preparação para o dia da abertura trouxe a organização do espaço e o acolhimento oferecido aos visitantes. “Cerca de 250 pessoas estiveram na noite de abertura, contando com familiares e amigos, realmente foi um sucesso. Logo no primeiro dia, cinco obras foram vendidas, e todos ficaram muito satisfeitos”, declara.

Entre as linguagens utilizadas para compor a realidade estão a pintura, fotografia, escultura, desenho e arte digital. “Não partimos de um tema específico para a coletiva, mas de proposição sobre pensar a identidade pessoal em diálogo com o desejo de provocar um olhar sobre suas próprias percepções enquanto artistas”, explica a professora. Ela ressalta que, durante o processo, muitos alunos tiveram ideias, já que existe uma grande diferença em apresentar um trabalho em sala de aula e ficar exposto

à crítica do público geral, o que configura a exposição como um grande desafio acadêmico. “Foi e ainda está sendo uma experiência enriquecedora para eles, tendo em vista que estão trabalhando na área, futuramente, e que já estão vivenciando a preparação de um evento do tipo. Trabalho que agrega, por exemplo, a formulação do edital de apresentação, parte em que também houve um grande envolvimento dos estudantes”, enfatiza.

Realização de Sucesso

O sucesso da experiência foi comemorado pelos responsáveis e pelos artistas. Conforme a estagiária responsável pela Galeria de Arte, Alina Iach, a Fundação também recebeu de portas abertas o projeto da Universidade como o objetivo de fomentar a produção cultural e artística da cidade.

A professora Aracelis ressalta os resultados positivos e de qualidade de cada aluno que se dedicou durante as atividades. “Conseguimos o espaço da FCC, que é tão desejado e almejado pelos artistas da região, e isso foi um grande motivo enriquecedor. Também fiquei muito contente por ver que todo o grupo se envolveu e mostrou grande talento dentro de características próprias. Com certeza, mesmo se deslocando na área, não tenho dúvidas”, conclui a responsável.

Fonte: <http://desfolhamentos.wordpress.com/2012/06/21/172/>

ANEXO A - REPORTAGEM DA UNESC SOBRE A EXPOSIÇÃO: E NÓS, QUEM SOMOS?

Artes Visuais – Alunos da Unesc expõem trabalhos na FCC



Fonte: <http://www.unesc.net/porta1/blog/ver/213/19396>

“E nós, quem somos?” é o nome da exposição dos alunos de Artes Visuais da Unesc, que foi aberta na noite de hoje (1º/6) na galeria de arte contemporânea da Fundação Cultural de Criciúma.

O projeto, pensando durante as aulas da disciplina “Arte e Agenciamento Cultural”, da professora Amalhene Baesso, traz trabalhos dos alunos da sexta fase do curso. A mostra é composta por pintura, fotografia, xilogravura, desenho e arte digital de 26 jovens artistas.

A exposição vai até 20 de junho, sendo que os interessados em agendar uma visita mediada devem entrar em contato pelo telefone (48) 3445-8840.

01 de Jun. 2012 - Postado por Davi Carrer - Comunicação Social em Notícias

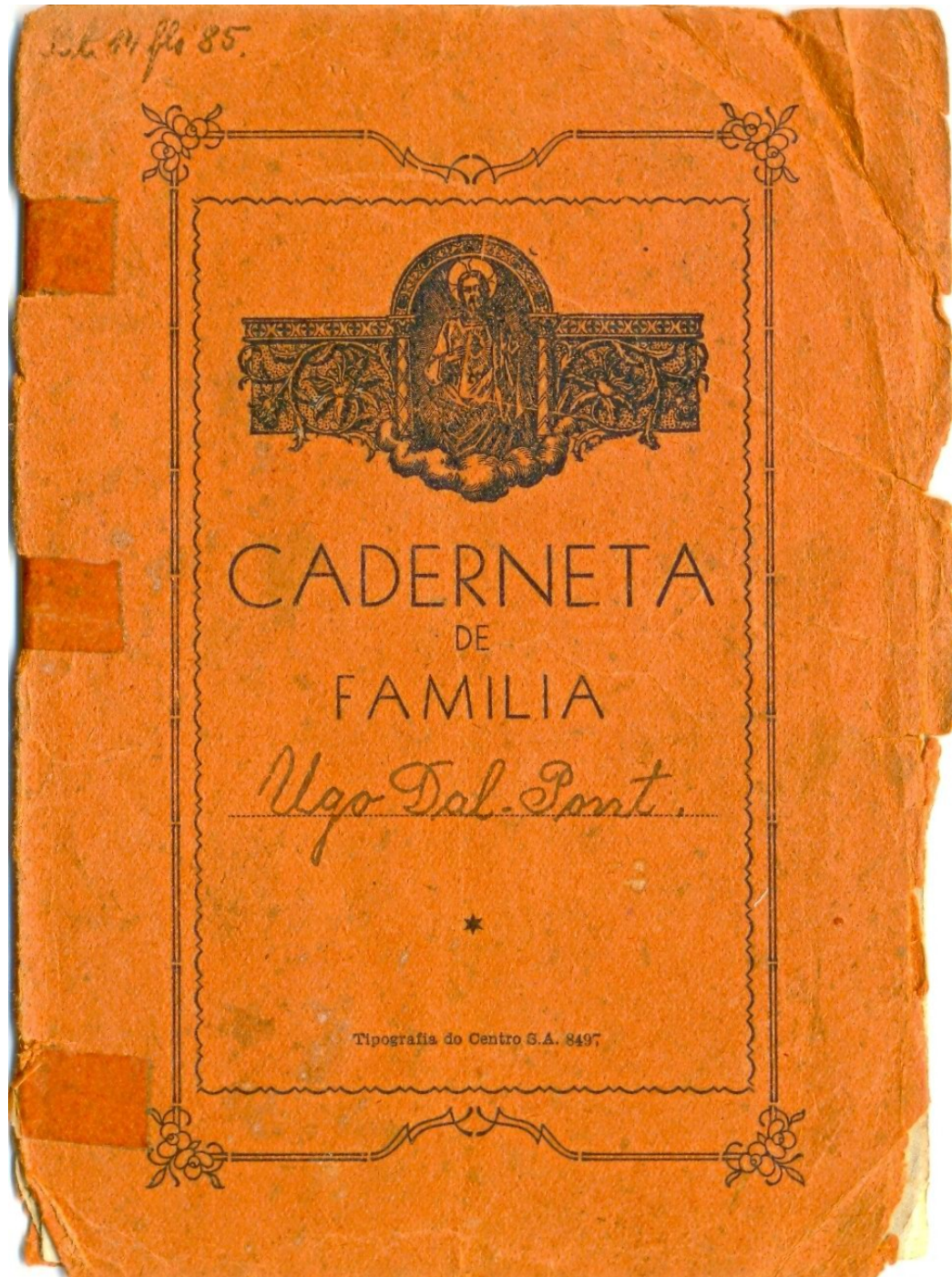
**ANEXO B - REGISTROS DE OBJETOS AFETIVOS DA FAMÍLIA DO SEU HUGO E
DONA CANDIDA, ENCONTRADOS ATUALMENTE NA CASA DA FILHA DO
CASAL, DONA ZÉLIA.**







**ANEXO C - DOCUMENTO: CADERNETA DA FAMÍLIA DO CASAMENTO DO SEU
HUGO E DONA CANDIDA. (frente/verso)**



Nomes dos esposos e respectivos pais				Logar e data da entrega da caderneta	N
Ugo Dal-Pont <small>filho</small> { de Vicente Dal-Pont				Crescuma	1
e de Tristele Maria				10	2
Candida Benedetti <small>filha</small> { de natural				de Fevereiro	3
e de Narcisa Benedetti				1945	4
Data do nascimento	Logar e data do Batismo	Logar e data da Crisma	Logar e data do falecimento	Arquidiocese de Florianopolis	
22-1-1918	Ele Crescuma			Estado de Sta. Catarina (Brasil)	
	7-2-1918			Carimbo paroquial	
23-12-1923	Ela Crescuma				
	28-1-1924				
Casaram-se em Crescuma (conato) 10-2-1945 religiosamente					
O Vigario, P. Pedro Baldoncini					



Com apr. eclesiástica

ANEXO D - DOCUMENTO: CERTIDÃO DE CASAMENTO DO SEU HUGO E DONA CANDIDA.

República Federativa do Brasil

REGISTRO CIVIL

ESTADO DE SANTA CATARINA
COMARCA DE CRICIÚMA
DISTRITO DA SÉDE

Agostinho Cipriano de Farias
Oficial do Registro Civil

CARTÓRIO DE REGISTRO
DE
TÍTULOS E DOCUMENTOS
Agostinho Cipriano de Farias
Escritor
SUELY VIEIRA FARIAS
OFICIAL MAIOR
CLÉRIA ZACCARON
Escritor Juruamentada
Criciúma - S. C.

Certidão de Casamento

CERTIFICO que à fls. 92 a 93 do livro B. n°. 18, de registro de Casamentos, sob termo n°. 1.389 consta o assento do matrimônio de HUGO DAL PONT e CANDIDA BENEDET contraído em data de 2 de novembro de 1946, perante o Juiz de Paz, Sr. Manceo Freitas e as testemunhas Giacomo Sonego Netto e Vitorio Sefaim

Ele, nascido em este município aos 24 de dezembro de 1920, profissão lavrador, domiciliado em este distrito e residente em este distrito, filho de Hugo Dal Pont e Aristela Dal Pont, naturais de Itália e de este Estado domiciliados e residentes este distrito

Ela, nascida em este município aos 11 de dezembro de 1923, profissão doméstica, domiciliada em este distrito e residente em este distrito, filha de Narcisa Benedit (falecida) e de, naturais deste Estado domiciliados e residentes este distrito

a qual passa a assinar-se: CANDIDA BENEDET DAL PONT

Foram apresentados os documentos a que refere o art. 180, ns. I, II e IV do Código Civil. Casaram pelo regime da comunhão de bens.

Observações: Certidão extraída e retificada por sentença do MM. Dr. Juiz de Direito desta Comarca.

O referido é verdade e dou fé.

Criciúma, 4 de junho de 1970

Agostinho Cipriano de Farias
Oficial do Registro Civil

Certidão NCr\$ 0,65
Busca NCr\$ 1,01
TOTAL NCr\$ 1,66

FIRMA
TABELIÃO SPINOLA
(ANTIGO PENAFIEL)
Novo Palácio da Justiça
Av. Erasmo Braga
RIO - GB.

RECONHECER NO
TABELIÃO
R. LUIZ DE BARROS, 285-104 G-2. P. 100

**ANEXO E – FOTOS INCLUSAS NO ÁLBUM FOTOGRÁFICO DOS FRAGMENTOS
DA CASA.**





